

RELIGIÕES ORIENTAIS NO ENSINO RELIGIOSO: ASPECTOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DE PERSPECTIVAS DAS PRÁTICAS CURRICULARES DE ENSINO

*Deyve Redyson**

*Mirinalda Santos***

RESUMO

Este artigo propõe algumas reflexões acerca das práticas, das didáticas e das metodologias encontradas nos materiais elaborados e repassados para o Ensino Religioso, direcionando o nosso olhar para os discursos que são produzidos e que são legitimados diante às Religiões Orientais. Buscando assim, compreender como o currículo desse ensino, cuja função é de socializar e de (re) significar conhecimentos que são condensadas por organizações socioculturais, no qual interferem nas práticas educativas e nas construções de referenciais didáticas que dão suportes teóricos metodológicos do fazer pedagógico. Com esse direcionamento, percebemos uma lacuna nas interpelações didáticas e metodológicas voltadas para esse ensino e assim, objetivamos contribuir na construção de atividades com abordagens pedagógicas ao contemplar as Religiões Orientais. Para a realização dessa pesquisa, utilizamos da metodologia qualitativa e bibliográfica com delineamento explicativo fazendo interlocuções com Stevenson (2002), Rodrigues (2015), Sacristán (2013), entre outros autores que potencializam o campo das discussões propostas nesse estudo.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Religiões Orientais. Práticas pedagógicas. Currículo.

* Doutor em Filosofia, Professor do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: dredyson@gmail.com.

** Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Licenciada em Pedagogia pela UFPB. E-mail: mirirodrigues2@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso atualmente está passando por momentos de tensões, transgressões e transformações no que diz respeito aos aspectos das práticas, das metodologias, das didáticas e dos currículos que neles precisam ser pensados, avaliados e (re)significados para que o fazer e o executar dos conhecimentos pedagógicos sejam socializados e direcionados na perspectiva dos valores, do reconhecimento e da diversidade cultural. Possibilitando assim, a construção de práticas curriculares que conduzam para as transformações e as realidades socioculturais que ao longo do tempo sofreram e/ou ainda sofrem discriminações diante de uma cultura do dominante.

Essa discussão no Ensino Religioso é importante para levantarmos questões acerca da relação entre cultura - educação – poder. E essa relação deve ser pontos de diálogos e reflexão no sentido de questionar, até que ponto podemos considerar a cultura ocidental? Essa reflexão nos dá abertura para a promoção do resgate de culturas que vêm sendo interpretadas de forma incoerente nos diversos seguimentos de práticas curriculares e pedagógicas e que são repassadas para os alunos sem bases teóricas e epistemológicas corretas. Essas realidades, problemáticas e lacunas são encontradas no Ensino Religioso são mais evidentes quando nos referimos as Religiões Orientais.

A nossa preocupação elencada nesse estudo, diz respeito à falta de materiais didáticos consistentes para potencializar o desenvolvimento de práticas didáticas pedagógicas que possibilitem ao professor de Ensino Religioso construir atividades no teor de análise crítica de conceitos, de realidades e de discussões nesse campo. Para que esse professor não seja apenas um mero reproduzidor e que possa identificar quais materiais, quais conceitos, quais religiões são realmente da cultura oriental. Uma vez que, percebemos uma abordagem limitada e errônea no que se referem às ilustrações/imagens, História, origens, localizações geográficas, entre outras abordagens que envolvem as Religiões Orientais.

É nessa perspectiva que propomos uma análise dessa realidade que envolve o processo educacional do Ensino Religioso em relação às Religiões Orientais. Esse estudo se apresenta relevante, pois aqui pretendemos fazer abordagens teóricas e metodológicas no campo das discussões do currículo para subsidiar e auxiliar o



professor de Ensino Religioso na construção atividades pedagógicas a partir de elementos contextualizados e sistematizados. Acreditamos que como pesquisadores da área, temos a responsabilidade social de difundir e expandir conhecimentos e apresentar formas de solucionar problemas enfrentados no campo educacional.

Para tanto, esse artigo insere-se nas seguintes abordagens: primeiramente foi feita uma breve contextualização, em que sintetizamos conceitos do universo religioso oriental contribuindo na ampliação de visão desses conceitos embasados em fontes confiáveis em nível de teóricos. Também nesse primeiro momento abordamos como é pensada a educação nessas religiões, bem como suas contribuições e influências no Ocidente. Depois foi feito uma discussão de currículo - Ensino Religioso - Religiões Orientais, em uma abordagem reflexiva e crítica para a (re) construção de concepções na perspectiva de (re) pensar o fazer pedagógico. E por fim, apresentamos elementos de caráter temáticos e objetivos para contribuir no aprofundamento e no desenvolvimento de atividades direcionadas para o Ensino Religioso ao contemplar as Religiões Orientais.

2. AS RELIGIÕES ORIENTAIS

Quando falamos de Religiões Orientais estamos nos referindo a religiões milenares que tiveram seu surgimento no extremo oriente e que se aproximam de identidades, filosóficas/psicológicas e ao mesmo tempo de diversas espiritualidades e de religiosidades influenciando no modo de pensar e agir das pessoas que muitas vezes demonstram condutas intrinsecamente enleadas a dogmas religiosos que dão sentidos e significados ao pensamento/ou filosofias de vida desse universo repleto de tradições, culturas, crenças e ideologias, conforme Wing-tsit (1978):

Todas as grandes filosofias do oriente são unânimes de serem Homem e a realidade essencialmente comuns. Existe, entre o Homem e o cosmo, uma relação natural que nenhum homem pode deixar de ter em vista; para os orientais, tal relação natural é harmoniosa. (p. 173)

Através dessa concepção, e talvez seja por isso, que haja uma grande dificuldade de entender essas religiões por parte do Ocidente, estamos diante de uma



complexidade que se apresentam nelas, seja nos aspectos que se tratam de uma questão geográfica, histórica, política, filosófica, social e cultural. No entanto, não podemos ser ingênuos ao ponto de pensar que será apenas isso que influencia em determinadas discriminações, preconceitos e silenciamentos das Religiões Orientais na cultura ocidental, assim, fica evidente que há relações de poder nas organizações sociais, inclusive no que tange o envolvimento institucionalizado, sejam religiosas, políticas ou educacionais.

Dessa forma o próprio conceito de *Religiões Orientais* pode estar equivocado ou tem uma visão restrita que implica ao não reconhecimento e a não compreensão advindas dos materiais didáticos e das ações de práticas curriculares pedagógicas no campo educacional, em específico no Ensino Religioso. Assim, não permitindo o entendimento delas. Dessa forma, as religiões orientais nas aulas de Ensino Religioso não podem ser resumidas apenas nos estudos de mitos como: A Trimurti (Brahma, Vishu, Shiva) ou no aparecimento de imagens/desenhos de Shiva Nataraja (Shiva dançando), ou de estátuas que representam o Buddha ou mesmo com desenhos de crianças Hare Krishna.

O fato das Religiões Orientais serem religiões ainda pouco praticadas no Brasil e pouco compreendidas em suas características doutrinárias, culturais etc, elas acabam por serem vitalizadas de incompreensões na cabeça do professor que transmitirá estas mesmas concepções para o educando. Dessa forma, a aula de Ensino Religioso ao ser dedicada as Religiões Orientais deve ser norteadora no sentido de teorias e práticas, para que estas religiões e tradições possam ser melhor compreendidas. Dessa forma, práticas como a yoga e a meditação podem ser utilizadas para que o aluno possa compreender o conteúdo destas filosofias de vida, sempre interagindo com o processo de ensino-aprendizagem para que as crianças se relacionem e vivenciem as práticas e os sentidos destas orientações milenares.

Todos estes elementos devem corroborar com as mensagens internas que estas religiões trazem, e de forma lúdica interagir através de ações pedagógicas com os alunos embasados em intencionalidades argumentativas, reflexivas e sistemáticas tornando o processo de ensino e aprendizagem significativo, em termos de (re) significar conceitos postos de forma incoerente, no que diz respeito a essas religiões na cultura ocidental. Assim sendo, podemos afirmar que há uma grande lacuna nas



práticas educativas como referencial direcionada para tais religiões, uma vez que há uma falta ou até mesmo uma inexistência de estudos contextuais e de materiais de implementações didáticos-pedagógicos, os quais pretendemos sugerir nesse estudo.

Dois fatores são de extrema importância quando falamos que não há materiais didáticos com uma qualidade razoável para ser utilizada pelo professor. O primeiro deles será o pequeno número de obras introdutórias sobre religiões orientais disponíveis em língua portuguesa, isto é, apesar de uma *moda* oriental que o país passou com a chegada dos budismos, yoga e terapias alternativas vinda do mundo oriental, obras de relevância que pudessem tratar corretamente de determinadas questões *religiosas* acabaram por continuar em língua inglesa (que corresponde a língua mais utilizada pelos pesquisadores de religiões orientais hoje) impossibilitando que professores possam conhecer este universo¹. O segundo destes fatores está representado no pouco interesse que as religiões orientais vêm despertando dentro da área de Ciências das Religiões, ficando, seu estudo praticamente isolado em duas ou três universidades. Para tanto, é preciso que possamos entender primeiramente as relações que têm entre a educação e as Religiões Orientais.

2.1. A Educação nas religiões orientais

Nas religiões orientais o processo de aprendizagem é bastante similar com o que conhecemos na tradição ocidental. Suas especificidades é que ganharam perspectivas diferenciadoras. Vejamos, por exemplo, que dentro de uma das tradições mais antigas da Índia, os hinduísmos² se caracterizavam como um grande complexo educacional tendo em vista sempre a referência a suas divindades e o respeito com a forma de como estas referências seriam passadas de pai para filho. O processo de transmissão dos *Vedas*³ é o exemplo mais contundente neste sentido, pois, o hindu antes de ter contato com os textos escritos dos *Vedas*, memorizava-os na mente,

¹ Muitas são as iniciativas de produção de materiais como livros, revistas e artigos sobre temas das religiões orientais advindas de grupos de pesquisa dos cursos de pós-graduação em Ciências das Religiões.

² Ver STODDART, William. *O Hinduísmo*. Tradução de Alberto Vasconcellos Queiroz. São Paulo: IBRASA, 2004 e FLOOD, Gavin. *Uma Introdução ao Hinduísmo*. Juiz de Fora. Editora UFJF. 2014, p. 59-64.

³ Conforme *Gosvāmī* (1986, P.41) "A palavra veda significa "conhecer", e denota conhecimento divino. Os Vedas são principalmente hinos, cantados por sacerdotes em louvor aos deuses".



antes de ser um livro, as mensagens védicas eram crenças devocionais de práticas religiosas e espirituais que são hoje reconhecidas pela UNESCO.

Os conteúdos e ensinamentos dessa literatura de sistemas de escrituras sagradas consistem na clássica divisão dos *Vedas* em quatro conjuntos, a saber: O *Rig veda* (o veda do louvor, dos hinos); O *Yajur veda* (o veda dos sacrifícios); O *Samā veda* (o veda dos cânticos) e O *Atharva veda*. (cânticos e rituais). Nestes quatro vedas encontramos a essência da cultura hindu, conforme *Gosvāmī* (1986, p.41): “A satisfação dos desejos materiais através da adoração dos semideuses [...] a literatura védica descreve os semideuses não como imaginários, mas como agentes autorizados, representantes da vontade suprema encarregados de administrar os assuntos universais”. Nas escrituras védicas encontramos os princípios que norteiam as práticas ritualísticas, físicas, morais e éticas que têm como condutas filosóficas a mente iluminada e a busca e o desejo da liberação (*Mokhsa*).

No Budismo os ensinamentos se configuram na figura do Buda, de suas instruções para que, através da compreensão do sofrimento e de sua origem possamos seguir um caminho em direção a iluminação (lucidez) entre todos os seres vivos. O caminho budista, é em tese, um caminho para o despertar de uma nova consciência do eu onde a relação da causa e do efeito possibilitam alcançar o estágio inicial de mente “A palavra *buda* tem dois significados. O primeiro refere-se à essência da mente, que é e sempre foi a verdadeira natureza de todos os seres. O segundo significado se refere a quem revelou completamente a natureza búdica” RINPOCHE (2012, p. 23).

A mente ou o processo de compreensão da mente se tornam uma das principais características ensinadas por Siddharta Gautama (O Buda Shakyamuni, o Buda de nossa era) que efetivam o reestabelecimento da formação humana. No Budismo, os ensinamentos, que a mente podem apreender, se relacionam e se estabelecem a partir de três eixos compreendidos como as três joias raras, conforme Redyson, (2014, p. 259) “O Buddha (como mestre); o Dharma (como ensinamento); e a Sangha (como a comunidade budista)”. Estes ensinamentos são em termos de reconhecimento de identidades em uma perspectiva que envolve a profunda natureza de práticas filosóficas, religiosas e de espiritualidades. Em uma construção mental diante desses três grandes eixos que nos leva ao alcance da liberdade e da paz



interior, temos que obter a percepção que se dá a partir das *Quatro Nobres Verdades*⁴, a saber: 1. Verdade do sofrimento; 2. Verdade da origem do sofrimento; 3. Verdade da cessação do sofrimento; 4. Verdade do caminho que leva à cessação do sofrimento. Esses ensinamentos são incorporados mediante das doutrinas de práticas e de condutas do *Nobre Caminho Óctuplo*⁵.

Outra perspectiva de religiosidade que podemos destacar acerca dos ensinamentos orientais, diz respeito à educação como processo no pensamento de Confúcio⁶, diante da relação nobreza e povo. Confúcio dentro de uma abordagem política, a única possível na época, pois somente os nobres tinham acesso à educação formal por estarem ligados a algum tipo de governo, direcionou seu olhar para a deficiência dos conhecimentos que eram transmitidos nas escolas daquela época. O que era ensinado e aprendido era insuficiente para a plenitude do ser humano no sentido de levar os alunos a refletirem e a terem acesso as demais áreas do campo do saber, pois se tinha uma educação elitista que só os quem tinham poder aquisitivo financeiro poderiam ter uma educação erudita.

Os ensinamentos de Confúcio enfatizavam ritos tradicionais, músicas, literatura e história, mas, apesar desse currículo e artes liberais, a escola tinha o propósito específico de treinar pessoas para atuar no governo. Confúcio adotou uma teoria de que uma educação ampla concentrada na cultura e na virtude pessoal constituída a melhor preparação para os ministros do Estado. A idéia era que uma boa compreensão da cultura e da tradição permitiria ao futuro funcionário público reconhecer o benefício do seu trabalho: o que era a sociedade, como ela funcionava, por

⁴ “Se você considerar 1 e 2 como o lado escuro da vida, então 3 e 4 podem ser considerados como a parte luminosa da vida. Se você falar apenas sobre o lado luminoso e não do lado escuro, então não poderá ser uma verdade ou saccã. Não seria completo apenas falar sobre as causas das coisas ruins e não mencionar nada sobre como superá-las, Neste sermão está tudo lá. É completo. Qual o problema? É dukkha. Como é causado? Há um fim para o dukkha e como se conseguir isso? Tudo isso é explicado no sermão. Toda a prática do Budismo está incluída neste sermão, nas Quatro Nobres Verdades. 1 e 2 estão relacionado como causa e efeito, mas 3 e 4 não. Se você pensar bem, você vai entender que praticando o 4, ou trilhando o caminho, praticando o caminho óctuplo, isto conduz à cessação do dukkha. Assim o número 4 é meramente um caminho a ser seguido”. (DHAMMASAMI, 2013, p. 51)

⁵ Sobre o budismo pode se conferir: TRUNGPA, Chögyam. *As 4 Nobres Verdades do Budismo e o caminho da libertação*. São Paulo. Pensamento. 2013.

⁶ Para Redyson (2015, p. 18) a doutrina estabelecida por Confúcio pode não ser uma concepção/forma de religiosidade como entendemos no mundo ocidental, já para Zilles (2012, p. 39-40) “Por confucionismo entende – se um movimento religioso cujo fundador foi Kung-fu-Tse (551-479), nome que foi latinizado pelos missionários para Confúcio. O confucionismo passou a modelar, sobretudo desde a Idade Média, o espírito da sociedade chinesa.



que era importante e como melhor preservá-las e fortalece-las. (STEVENSON, 2002, p. 265)

Confúcio parte de uma *educabilidade* do ser humano que contemple também uma *perfectibilidade* no conjunto das ciências, dos costumes (enquanto tradições), da alimentação e principalmente do respeito e cultivo a memória de seus ancestrais. Para o grande pensador chinês, viver é uma possibilidade de fazer com que o outro não seja atingido por sequelas de alguma ação punitiva, isto é, segundo Confúcio devemos fazer para os outros aquilo que queremos para nós e não desejar para o outro aquilo que não quero para mim.⁷ Assim, os pensamentos e ensinamentos de Confúcio não influenciaram apenas a China, foram também expandidos além do mundo oriental. Para Confúcio, a educação é um fio condutor para atingir a integridade pessoal na sua centralidade diante das experiências de vida que nos tornam seres humanos capazes de refletir e mudar o meio, a partir de virtudes e de potencialidades criativas que nos façam evoluir e nos tornarmos seres melhores.

Sobre a mesma égide podemos encontrar a tradição religiosa/espiritual do Taoísmo que nos traz princípios muito parecidos com os do confucionismo. A figura lendária de Lao Tsé e dos demais patriarcas taoistas nos revelam que a centralidade dos pensamentos com a vida prática do ser humano circunda também a compreensão do *Tao* (Dao) como caminho, como cessação de tudo e ao mesmo tempo um re-princípio das coisas⁸.

O pensamento de um mundo mais humanista é, em tese, uma das características principais das *Religiões Orientais*. Dentro do campo da educação, podemos também destacar os aspectos educativos com/na natureza a partir da tradição do Jainismo que assim como o hinduísmo e o budismo, também se configura como uma religião milenar da Índia e tem como mestre Mahavira⁹. No Jainismo os

⁷ Cf. KUNG-KOAN, Juan. *Confucio Educador*. Madrid. Instituto San José de Calazans. 1965, p. 24.

⁸ No principal livro taoísta, o *Tao Te King* encontramos a referência ao vazio como um processo para compreensão do caminho, por isso, para esta tradição o *Tao* é insondável. Cf. POCESKI, Mario. *Introdução às Religiões Chinesas*. São Paulo. Unesp. 2013, p. 76.

⁹ Segundo Jain (1982), Mahavira veio a este mundo como ser humano, e não como super-humano, ou mesmo como uma encarnação divina. Decidiu-se para a vida de asceta, coroada de espinhos. Passou longos anos locomovendo-se de um lugar a outro à procura da verdade. sempre alerta e atento, lutando com afinco e empenho para alcançar o objetivo último. Depois da iluminação, aos quarenta e dois anos, continuou pregando e propagando sua mensagem de fraternidade universal por trinta anos. (p. 57).



seus ensinamentos se constituem em duas divisões: Jiva (alma) e não-Jiva, com crenças de vitalidade encontradas nos seres humanos e seres vivos como pessoas, animais e plantas, bem como nos elementos da natureza como cursor e queda de águas e formação de rochas. Assim, ensinando na crença de um universo eterno. Além dos princípios de cultivar e cuidar da natureza, também um dos principais dogmas jainas, diz respeito a ser contra a qualquer tipo de violência, psico e físico, e pregava a não-violência (*ahinsa*), a não-roubo e não-posseção¹⁰.

Com essa breve contextualização de ensinamentos e conceitos das Religiões Orientais, tentamos aqui superar a falta de diálogos e debates acerca dessas religiões no campo educacional, inclusive para o Ensino Religioso que através do seu currículo flutuante e socializador possibilita a manifestações de diversas culturas. De acordo com Sacristán (2013, p. 27), “O texto curricular não é a realidade dos efeitos convertidos em significados apreendidos, mas é importante, à medida que difunde os códigos sobre o que deve ser a cultura as escolas, tornando-os públicos”. Dessa forma, o currículo dá sentidos nas práticas pedagógicas que contribuem no desenvolvimento de identidades das mesmas. Assim ao mesmo tempo, o currículo deve estar entre a dicotomia daquilo que deve ser com aquilo que é necessário ser, isto é, além de analisar aquilo que deve estar no currículo deve-se também, discutir os porquês daquilo que não está ou que não deve estar no currículo.

3. O CURRÍCULO E O ENSINO DAS RELIGIÕES ORIENTAIS NA ESCOLA

A elaboração de um novo modelo de currículo escolar destinado para o Ensino Religioso acerca das Religiões Orientais pode assumir um papel de conflito e resistência por parte dos gestores, professores e demais membros da comunidade escolar devido à falta de conhecimento por diversos motivos, seja, pela falta de formação inicial e continuada, pela falta de materiais didáticos pedagógicos mínimos ou pela resistência de uma sociedade ocidental em que relações de poder cultural religiosa são estabelecidas e que são reproduzidas no âmbito escolar e que dão sentidos aos currículos, bem como as implicações de conhecimento e poder que influenciam nas ações docentes. É o que Young (2006) chama de conhecimento

¹⁰ Cf também PÁNIKER, Agustín. *El Jainismo. História, sociedade, filosofia y practica*. Barcelona. Editorial Kairós. 2000.



poderoso, para ele “o objetivo das escolas é transmitir “conhecimento poderoso” [...]”. (p. 46), assim sendo, um conhecimento hierárquico hegemônico é excludente e o currículo passa a ser um campo de imposição desse conhecimento. Partindo desse mesmo princípio podemos perceber na fala de Escarião (2011) que:

O currículo numa concepção emancipatória é movimento permanente e envolve múltiplas concepções sobre o mundo, a vida, a pessoa humana, a sociedade, a cultura e a educação, num *caleidoscópio* de interesses e relações de poder que se expressam nas decisões curriculares, sejam no âmbito das políticas públicas, dos marcos regulatórios como leis, pareceres, resoluções, planos, projetos; sejam nos conceitos, conteúdos, metodologias, definidos pela administração central dos sistemas educacionais, conselhos profissionais, comunidade científica, educadores e educandos, famílias, instituições e movimentos sociais. (p. 13)

Nesse sentido, o currículo deve, assim, ser compreendido como um espaço de práticas da realidade, uma realidade possível onde se pudesse envolver a prática do professor em compreender os conteúdos para sentir como os alunos o recebem. Será de grande importância então, que o professor tenha conhecimentos da natureza das Religiões Orientais e de suas tradições culturais para saber até onde poderá compor o currículo para cada unidade. No que representa determinados elementos/conteúdos necessários para a compreensão de manifestações religiosas no budismo ou no hinduísmo, por exemplo, deve-se se averiguar a consistência e viabilidade destes elementos/conteúdos para o aprendizado da criança. Continua Escarião (2011, p. 16): “No nosso entendimento, esse desperdício no campo do currículo é resultado de um currículo que reproduz o conhecimento sem considerar a cultura, o saber popular, as experiências, as expectativas e as necessidades humanas que têm raízes nas práticas da resistência”.

Nessa conjuntura, é sensato compreendermos que há uma necessidade de pensar abordagens metodológicas e desenvolver estratégias no currículo do Ensino Religioso para tentar sanar as lacunas encontradas quando se trata de Religiões Orientais. Assim é presumível dizer que o Ensino Religioso é interculturalista por excelência, no qual assumindo a identidade intercultural que tem a perspectiva de “promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os



diferentes grupos sociais e culturais” (CANDAU, 2008, p. 52). Nesse sentido, é importante perceber no currículo desse ensino, exemplificando, nos Projetos Políticos Pedagógicos, nos livros didáticos, nos planejamentos e planos de aulas, em que as Religiões Orientais estão sendo interpretadas erroneamente, pois há inconsistência em relação a alguns conceitos/termos e ilustrações de Religiões Orientais e uma interpretação complexa destes termos¹¹, e, dessa forma, estulta é repassada e apreendida pelos alunos. Essa questão para Rodrigues (2015, p. 122): “Pode-se ressaltar como um problema dos Parâmetros, por exemplo, o uso da palavra Transcendente, que na acepção usada nesse texto lembra uma entidade unívoca, próxima da compreensão monoteísta típica do judaísmo/cristianismo”.

O transcendente deve ser a investigação dos fenômenos religiosos, e talvez este termo já esteja cansado e em desuso por não poder compreender e nem facilitar o aprendizado do aluno em tradições religiosas diferenciadas da visão monoteísta. Esta dificuldade, já representa de alguma forma, que há uma transcendência entendida como superior na religião. A manifestação religiosa que não tem este *transcendente* será interpretada como difícil de ser compreendida. Religiões, como as que têm raízes orientais são norteadas por aspectos da natureza e envolve uma cultura, uma tradição e principalmente ritos e experiências bem diferenciadas das quais estamos acostumados a ver nos monoteísmos. Entrementes, buscamos aqui apresentar aos professores de Ensino Religioso apontamentos e estratégias de como desenvolverem atividades didáticas pedagógicas direcionadas para as Religiões Orientais.

Ademais, esse estudo se fortalece pelo fato das poucas e/ou inexistentes bibliografias teóricas e práticas destinadas no suporte do fazer pedagógico para os professores de Ensino Religioso¹², tendo em vista que os elementos construtivos nessa abordagem, dizem respeito à afirmação de identidades e tradições da cultura

¹¹ Veja-se por exemplo: REDYSON, Deyve. *Sobre o Conceito de Religião nas Religiões Orientais*. In ROSSI, L. A; JUNQUEIRA, S. (Org.) *Religião, Direitos Humanos e Laicidade*. São Paulo. Fonte Editorial/Anptecre. 2015, p. 139-152.

¹² Muitas das vezes a própria formação permanente para professores de ensino religioso não trabalha de forma devida os temas das religiões orientais e em consequência disso os professores de ensino religioso *pulam* ou sintetizam tal aprendizado limitando-se, às vezes, a exibir imagens ou documentários apenas, deixando de trabalhar em sala de aula estes temas como ferramentas para compreensão até mesmo de algumas tradições ocidentais, interagindo com o princípio da diversidade.



oriental que muitas vezes, sua filosofia está diretamente ligada a algum tipo de crença. Contribuindo assim para que o campo de visibilidade das Religiões Orientais também possa ser interpretado e (re) significado em sala de aula, pois a nossa realidade demonstra que há um infinito desconhecimento de características do mundo indiano ou chinês na representação de divindades ou de objetos ritualísticos. É com esse olhar crítico e inovador, enquanto, pesquisadores na área de Ciência (as) da (s) Religião (ões) objetivamos aqui contribuir no desenvolvimento de atividades pedagógicas do Ensino Religioso como sendo um fio condutor para o estímulo da participação ativa dos alunos, no que diz respeito aos aspectos, cognitivos, físicos e afetivos.

3.1 Sistematização de práticas curriculares pedagógicas - metodológicas das Religiões Orientais no Ensino Religioso

Apresentamos abaixo uma possibilidade de se dialogar na elaboração do planejamento das aulas de ensino religioso com o componente curricular religiões orientais.

QUADRO I

<p style="text-align: center;">PLANEJAMENTO DIDÁTICO</p> <p>Tema: AS RELIGIÕES ORIENTAIS Identificação: ENSINO FUNDAMENTAL I e II</p> <p>Justificativa</p> <p>As Religiões Orientais em seus aspectos históricos, cultural, filosóficos e religiosos são pouco explorados nos currículos do Ensino Religioso e, quando encontramos algumas abordagens percebemos que há uma interpretação errônea. Essas lacunas encontradas nesse ensino podem ser encontradas notoriamente nos livros didáticos e serão necessárias que as utilizações das figuras/desenhos sejam ilustradas de forma embasadas, adequadas e apropriadas, bem como há uma necessidade de desenvolver atividades que envolvam o mundo oriental.</p> <p>Entendendo que essas religiões possibilitam uma maior compreensão acerca da sua pluralidade religiosa que envolve os mitos, os ritos, as hermenêuticas e os ensinamentos que circundam o universo oriental. É nesse sentido, que esse planejamento-didático pode auxiliar aos</p>



professores a pensar em planejar aulas teóricas e práticas a partir dos elementos temáticos, objetivos, e recursos pedagógicos que possa potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Desenvolver práticas educativas acerca das Religiões Orientais que contribuam nas ações pedagógicas dos professores de Ensino Religioso.

Objetivos específicos:

- Apresentar a História, a cultura, a Filosofia, os ensinamentos, as tradições e as identidades das Religiões Orientais;
- Auxiliar na construção e (des) construção de conceitos sobre as Religiões Orientais através de atividades de leituras com fins pedagógicos;
- Possibilitar a reflexão e o planejamento de atividades expositivas e práticas que contribuam no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do componente curricular Ensino Religioso.

AÇÕES PLANEJADAS/ ORIENTAÇÃO DIDÁTICA



CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS/ SUB - TEMAS



HINDUÍSMO	BUDISMO
<p>1. Origem: Contextualizar o surgimento do Hinduísmo, (localização geográfica, o ano aproximado do surgimento, a etnologia da palavra Hinduísmo, os acontecimentos históricos nesse período do nascimento do Hinduísmo) etc.</p> <p>2. Tradição e identidade: - Apresentar a filosofia fundamentada nas tradições Védicas; - Conceituar o que são os Vedas e o que sustenta a Religião e a cultura hinduísta, em termos de: Orações; Ritos; Símbolos; Sacralidade; Mantras; Condutas morais e Narrativas.</p>	<p>1. Origem: Fazer uma breve contextualização da História do Budismo, bem como sua expansão, no que diz respeito a território, a territorialidade. Apresentar Sidarta Gautama, em questões históricas e geográficas, no que diz respeito a tempo e espaço (nascimento: onde? quando e como? Vida: por onde peregrinou? e morte: onde? quando? e como?).</p> <p>2. Tradição e identidade: Possibilitar a construção da identidade a partir do momento de percepção consciente do “eu” diante dos gestos, gostos, impulsos emoções que surgem diante das situações externas e internas do nosso</p>

<p>- Apresentar a divisão em 4 partes dos Vedas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rigveda (o veda do louvor, dos hinos); • Yajurveda (o veda dos sacrifícios); • Samaveda (o veda dos cânticos); • Atarveda. (contém cânticos e rituais). <p>- Conceituar Vyasa e Rituais e narrativas esotéricas nos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brahmanas • Aranyakas • Upanishads <p>3. Divindades:</p> <p>- Ritos, mitos e sacralidades que envolvem: as danças, os animais, o rio Ganges, as imagens, a yoga e a meditação, etc.</p> <p>-Conceituar divindade e apresentar os principais deuses do panteão hindu.</p> <p>4. Ensinamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Shânkara -Yoga - Vedanta - Hare Krishna - Yogananada 	<p>próprio ser. Dessa forma, emerge sentimentos altruístas de “si” e com o “outro”.</p> <p>3. Divindades:</p> <p>Apresentar os Sentidos, os significados e as místicas no Budismo que envolvem:</p> <p><i>-Símbolos sagrados como (O Guarda-sol, A Roda do Dharma, o Nó Infinito, a Flor de Lótus, Lóbulos da orelha alongados, entre outros);</i></p> <p><i>- Os ritos (Preces, Oferendas, andanças, Prostração, Ritos Fúnebres, entre outros).</i></p> <p>- Os mitos (mitologia budista Tibetânica e Chinesa), apresentar os mantras e os significados das cores.</p> <p>-As práticas (meditação)</p> <p>4. Ensinamentos:</p> <p>No Budismo um dos seus principais ensinamentos são os caminhos que levam a cessação do sofrimento, a busca da libertação e desapego a partir das “As Quatro Nobres Verdades”, “Nobre Caminho Óctuplo” e “Roda da vida”.</p> <p>Proporcionar o entendimento do por que o Buda em sua tradição é considerado o iluminado e possibilitar o entendimento do Nirvana para os budistas.</p>
--	--



XINTOÍSMO	CONFUCIONISMO	TAOÍSMO
<p>1. Origem:</p> <p>Localização do surgimento (Japão), apresentar o significado e variação da palavra que vem da expressão Kami-no-Michi, que significa <i>Caminho dos deuses</i>.</p> <p>2. Tradição e identidade:</p> <p>Possibilitar a compreensão que o Xintoísmo é uma religião que busca o respeito e</p>	<p>1. Origem:</p> <p>História, nascimento, vida e morte, reconhecimento em diversas regiões da Ásia como mestre, filósofo, educador e político.</p> <p>2. Tradição e identidade:</p> <p>Segundo Confúcio, os seres humanos são formados por quatro dimensões:</p> <p>1- O Eu; 2- A Comunidade 3- A Natureza e 4- O Céu.</p>	<p>1. Origem:</p> <p>Religião Chinesa (apresentar surgimento e localização e etnologia da palavra que significa caminho (<i>Tao</i>)).</p> <p>Apresentar vida e morte de Lao-Tzu.</p> <p>2. Tradição e identidade:</p> <p>Estabelece relação entre homem e a natureza, busca pela paz interior, ao bem-estar-espiritual, físico e mental, ao vazio e à inquietude.</p>



<p>o cuidado, assim como a relação do homem com a natureza. Os ritos, os mitos, as lendas e as práticas espirituais se estabelecem nessa relação homem-natureza.</p> <p>3. Divindades:</p> <p>-Apresentar a lenda que envolve as principais divindades dessa religião: A deusa do Sol (Amaterasu Omikami); o deus Lua (<i>Tsukiyomi-no-Mikoto</i>) e o deus do mar e das tempestades (<i>Susano-O-no-Mikoto</i>).</p> <p>-Mostrar que essa religião é panteísta (apresentar o significado e sentido da palavra).</p> <p>- <i>Falar dos kamis</i> que são (deuses) que se manifestam em diversas formas como: seres humanos, animais, rios, pedras, estrelas, entre outros.</p> <p>4. Ensinamentos:</p> <p>Proporcionar no homem a cultivar e se relacionar com a natureza.</p>	<p>No qual possuímos cinco virtudes essenciais: Amar o próximo; Ser justo; Ter comportamento adequado; Ter consciência da vontade dos céus e Cultivar a sabedoria e a sinceridade.</p> <p>Os Ritos e os mitos envolvem as reverências, cultos ao governador, aos antepassados e oferendas aos mortos.</p> <p>3. Divindades:</p> <p><i>Apresentar que no confucionismo não há um deus, nem uma organização de Igrejas ou sacerdotes.</i></p> <p>4. Ensinamentos:</p> <p>Mostrar que no confucionismo os ensinamentos baseiam-se nas virtudes e no amor e na espiritualidade. Diante dos seis relacionamentos que Confúcio estabelece entre: Pais e filhos; Irmãos mais velhos e irmãos mais novos; Mulher e Marido; Membros do Governo e Amigo e amigo.</p>	<p>Apresentar as práticas espirituais (meditação, alquimia e rituais), significado do símbolo que representa as energias do Yin Yang (círculo branco e preto).</p> <p>3. Divindades:</p> <p>Destacam-se: O Imperador Jade e o Cai Shen</p> <p>4. Ensinamentos:</p> <p>Se fundamentam nas escolas:</p> <p>- Dān Ding – (Caldeirão e Elixir); na cultura Ocidental chama-se escola da Alquimia.</p> <p>- Fú Lù (“Fú” Correspondência, e “Lù” Ordenar). Refere-se a escola ritualística e da lei cósmica;</p> <p>- Jīng Dian (Textos Clássicos), pode ser chamada de escolas de estudos filosóficos do Taoísmo;</p> <p>- Jī Shàn (Acumulação da Bondade) escola voltada para a doação e para as práticas taoístas na vida diária.</p> <p>- Zhān Yuàn (Oráculos e Experiências), diz respeito a artes mágicas: astrologia, acupuntura, a medicina taoísta utilizando de ervas, trabalhos energéticos e curas de doenças.</p>
---	--	---



JAINISMO	SHIKHISMO
<p>1. Origem:</p> <p>Apresentar em que parte geográfica essa religião Indiana se originou e onde fica a (Bacia do Rio Ganges) o Jainismo, bem como falar do seu fundador Mahavida e do ano aproximado de sua criação.</p>	<p>1. Origem:</p> <p>Contextualizar o surgimento dessa Religião que nasceu entre o Paquistão e a Índia, bem como a sua terminologia. Historicizar seu fundador, Guru Nanak.</p> <p>2. Tradição e identidade:</p>



<p>2. Tradição e identidade:</p> <p>Despertar a concepção de que as tradições dessa religião correspondem a visibilidade e o cuidado dos seres humanos, seres vivos e demais elementos da natureza que de cunho de vitalidade e energia.</p> <p>Diferenciar e/ou relacionar: Jiva (alma); Não- jiva e Mokha.</p> <p>3. Divindades:</p> <p>Falar o porquê não há divindades supremas na concepção dessa religião.</p> <p>4. Ensinaamentos:</p> <p>Apresentar o que é Pan-animismo, bem como seus ensinamentos que se direciona nessa concepção.</p>	<p>Falar dos ritos, dos mitos, dos símbolos e das cerimônias da Tradição Guerreira.</p> <p>3. Divindades</p> <p>Explicar que nessa religião há o reconhecimento da existência de um Deus.</p> <p>4. Ensinaamentos:</p> <p>Expor que os seus ensinamentos estão vinculados nas concepções e filosofia de vida dos 11 Gurus.</p>
---	--

RECURSOS

Diante do exposto, queremos elencar que a partir das orientações didáticas que destacamos o professor de Ensino Religioso pode desenvolver inúmeras atividades pedagógicas, fazendo interlocuções com cada religião, fazendo comparações e rodas de diálogos diante de uma determinada temática exposta em uma ou mais religiões. Apresentar em conjunto todas as Religiões Orientais diante de elementos temáticos como, por exemplo: abordando as tradição e identidades das mesmas, entre outras elaborações sistemáticas de atividades práticas pedagógicas.

O professor deve selecionar os conteúdos respeitando cada seguimento de ensino, bem como abordar de forma crítica e de acordo com os limites de cada realidade, uma vez que o público alvo é diversificado e tem suas especificidades, por isso, não podemos determinar aqui um plano de aula ou plano de curso a ser seguido, pois entendemos que não há limites para elaborações de atividades, inclusive quando se trata do componente curricular Ensino Religioso, mas podemos dar orientações de como pode fazer interfaces e articulações entre os conteúdos didáticos apresentados com determinados contextos escolares.

Para o desenvolvimento de atividades que envolvem as questões de origem, tradições e identidades o professor poderia pensar em aulas expositivas com o auxílio de um mapa mundi (mostrando a localização da Índia, por exemplo), revistas que representem os países, as regiões e as cidades oriundas das determinadas Religiões Orientais, fazendo contextualizações a partir de pesquisas em livros em sites e em vídeos de acordo com o que for exposto a respeito das tradições, das identidades hinduísta, budista, xintoísta, confucionista, taoísta, jainista e sikhista.

Ao falar sobre as divindades é importante utilizar de recursos imagéticos (apresentando imagens das danças, das roupas, dos animais sagrados e dos principais deuses), solicitando que

recortem e/ou levem gravuras que possam representar o que assistiram e colar na cartolina, no quadro, ou fazer um varal com essas gravuras. Outra questão importante é apresentar para os alunos que existe um universo de imagens, de símbolos que vão além do que estamos acostumados a encontrar, tanto nos livros didáticos, como em outras práticas curriculares voltadas para o Ensino Religioso quando se trata das Religiões Orientais, ampliando os conhecimentos a respeito de símbolos, de ritos, de mitos, de sacralidades, dessas religiões.

Mostrar a importância da Yoga e da meditação a partir de vídeos e pensar como poderíamos realizar uma aula prática com auxílio de um instrutor de yoga e um praticante de meditação, pode ser realizado no próprio ambiente escolar como também pode ser realizado em uma aula extra-sala como, por exemplo, ao ar livre contemplando a natureza, pode ser na praça, no campo de futebol, na praia, no parque etc. Lugar que proporcione além das práticas e das técnicas da Yoga e de meditação que envolvem a respiração, o relaxamento, fazendo com que o aluno sinta-se relacionado com a natureza.

É importante que essas atividades sejam sempre dialogadas com os alunos. Pode ser feito, um círculo mostrando para os mesmos as fotografias, imagens ou filmagem, solicitando que cada um fale sobre o a sua vivência na prática da yoga e meditação expressando seus pensamentos a respeito do que viram na aula expositiva e o que sentiram na aula prática. Represente sob forma de desenho, produção literária, de história em quadrinhos, entre outros possibilitando que os alunos compartilhem as suas experiências e conhecimentos obtidos, fazendo referência e comparando com a cultura ocidental.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui levantadas nos fazem refletir para a promoção do resgate de identidades culturais religiosas que são omitidas, silenciadas e até mesmo negadas no campo das relações sociais. Assim, estabelecimentos de poder e subordinação para a cultura dominante são incorporados nas diversas esferas, inclusive no âmbito educacional, promovendo um discurso de preconceito e de discriminação. E o Ensino Religioso como componente curricular sofre influências de categorização da diversidade cultural religiosa.

É com esse olhar que nos direcionamos para as Religiões Orientais em que é nítida a percepção de influências de grupos sociais ocidentais que elaboram os materiais didáticos de forma descontextualizados com conceitos incertos e abordagens imagéticas e ilustrativas que influenciam as práticas pedagógicas do professor de Ensino Religioso que ficam restritos e se ancoram a esses



conhecimentos limitados e repassam os conteúdos para os alunos de forma errônea, incoerente e sem reflexão crítica.

Diante disso, propomos alguns elementos didáticos pedagógicos para auxiliar na construção de práticas educativas curriculares que possam subsidiar o saber e o fazer pedagógico dos professores de Ensino Religioso. Acreditamos que nossa abordagem faz com que se expanda as discussões e desperte mais pesquisas de estudiosos voltadas as Religiões Orientais e que dialoguem com as diversas áreas dos saberes inclusive na área da Educação em específico no Ensino Religioso. Portanto, encontramos uma lacuna nesse componente curricular e nos propomos a tentar dar visibilidade e refletir sobre essa realidade e tentar dar suporte de cunho pedagógico e investigativo nesse ensino.

EASTERN RELIGIONS IN RELIGIOUS EDUCATION: METHODOLOGICAL ASPECTS FOR PRACTICAL PROSPECTS OF BUILDING CURRICULUM AND TEACHING

Abstract: This article proposes some reflections on the practices of teaching and methodologies found in prepared materials and transferred to the Religious Education, directing our attention to the speeches that are produced and are legitimated on the Eastern Religions. Thus seeking to understand how the curriculum of this school, whose function is to socialize and (re) define knowledge that is condensed by socio-cultural organizations, which interfere with the educational practices and the construction of educational frameworks that give theoretical and methodological supports the pedagogical. With this direction, we noticed a gap in the teaching and methodological interpellations aimed at this school and so, we aim to contribute to building activities with pedagogical approaches to contemplate the Eastern Religions. To carry out this research, we used qualitative and bibliographic methodology explanatory design making dialogues with Stevenson (202), Rodrigues (2015), Sacristan (2013), among other authors that enhance the field of discussions proposed in this study.

Keywords: Religious Education. Curriculum. Eastern Religions.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr, 2008.



DHAMMASAMI, Vem. khammai. *As Quatro Nobres Verdades*. In: SASAKI, Ricardo. (Org). *Jóias Raras: do ensinamento budhista*. Belo Horizonte: Nalanda, 2013.

ESCARIÃO, Glória. *Formação Docente e Currículo: limites e possibilidades para o (re)conhecimento da diversidade*. In ESCARIÃO, G; GALIZA, C. J. R. B; PINHEIRO, F. F. G. (Org.) *Globalização, Diversidade e Religiosidade*. João Pessoa. Ed. UFPB. 2011,

FLOOD, Gavin. *Uma Introdução ao Hinduísmo*. Juiz de Fora. Editora UFJF. 2014.

GOSVĀMĪ, Satsvarūpa. *Introdução a Filosofia Védica: a tradição fala por si mesma. Tradução: Indrasarana Dasa (Antonio Irapuam Ribeiro Tupinambá) Márcia Regina Borges*. São Paulo: Bhktivedanta Book Trust, 1986.

JAIN, Jagdish Chandra. *Jainismo: vida e obra de Mahavira Vardhamana*. Tradução: Jandyra Waters e Gabriela Bosshard. São Paulo: Athena, 1982.

KUNG-KOAN, Juan. *Confucio Educador*. Madrid. Instituto San José de Calazans. 1965.

PÁNIKER, Agustín. *El Jainismo. História, sociedade, filosofia y practica*. Barcelona. Editorial Kairós. 2000.

POCESKI, Mario. *Introdução às Religiões Chinesas*. São Paulo. Unesp. 2013.

REDYSON, Deyve. *Budismo: Da Índia para Mundo. O Budha, o Dharma e o Sangha*. Revista, REVER, PUCSP. Ano 14. N° 01. Jan/Jun, 2014.

REDYSON, Deyve. *Filosofia e Religião no Pensamento de Confúcio*. In GNERRE, M. L. A; POSSEBON, F. (Org.) *China Antiga: Aproximações Religiosas*. São Paulo. Fonte Editorial. 2015.

REDYSON, Deyve. *Sobre o Conceito de Religião nas Religiões Orientais*. In ROSSI, L. A; JUNQUEIRA, S. (Org.) *Religião, Direitos Humanos e Laicidade*. São Paulo. Fonte Editorial/Anptecre. 2015.

RINPOCHE, Chagdud Tulku. *O caminho budista: uma breve introdução*. Três Coroas: Makara, 2012.

RODRIGUES, Elisa. *Formação em Ensino Religioso, Dilemas e desafios*. In JUNQUEIRA, Sergio R. A. *Ensino Religioso no Brasil*. Florianópolis. Editora Insular. 2015.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O que significa o currículo?* In SACRISTÁN, J. G. (Org.) *Saberes e Incertezas sobre o Currículo*. Porto Alegre. Penso. 2013.

STEVENSON, Jay. *O mais completo guia sobre filosofia oriental*. Tradução Ivo Korytowski. São Paulo: Arx, 2002.



STODDART, William. *O Hinduísmo*. Tradução de Alberto Vasconcellos Queiroz. São Paulo: IBRASA, 2004.

TRUNGPA, Chögyam. *As 4 Nobres Verdades do Budismo e o caminho da libertação*. São Paulo. Pensamento. 2013.

WING-TSIT, Chan. *O espírito da Filosofia Oriental*. In: MOORE, CHARLES, Charles A. (org). *Filosofia: Oriente e Ocidente*. Tradução de Agenor Soares dos Santos. São Paulo: Cultrix, 1978.

YOUNG, Michael. *Para que servem as escolas?* In: PEREIRA, Zuleide da Costa Pereira. CARVALHO, Maria Eulina de. PORTO, Rita de Cassia Cavalcante. (Org). *Globalização, interculturalidade e currículo na cena escolar*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

ZILLES, Urbano. *Religiões: crenças e credices*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

